

UM OLHAR MAQUIAVÉLICO SOBRE O GLADIADOR DE RIDLEY SCOTT COM BASE NO LIVRO PRIMEIRO DOS DISCORSI

A MACHIAVELLIAN LOOK AT RIDLEY SCOTT'S GLADIATOR BASED ON THE FIRST BOOK OF THE DISCORSI

Delmiro Ximenes de Farias¹

RESUMO: Gladiador, filme de 2000, trata de eventos ficcionais do império romano. Esta obra aborda temas de filosofia política e do estado trazidas nos *Discorsi* de Nicolau Maquiavel. O objetivo deste trabalho é explorar tais temas desenvolvidos pelo filósofo florentino se utilizando do filme como ponto de partida. Primeiro este trabalho apresentará a narrativa do filme e sua historicidade. Após, alguns tópicos serão abordados, como formas de governo, ingratidão e desconfiança, afeição do povo e reforma do governo. Ao final, percebe-se que o filme pode ser utilizado como ilustração no debate dos temas trazidos por Maquiavel.

Palavras-chave: Gladiador. Filosofia política. *Discorsi*. Maquiavel. Formas de governo.

ABSTRACT: Gladiator, a 2000 film, deals with fictional events in the Roman Empire. This work addresses themes of political philosophy and the state brought up in Niccolò Machiavelli's *Discorsi*. The objective of this work is to explore such themes developed by the Florentine philosopher using the film as a starting point. First, this work will present the narrative of the film and its historicity. Then, some topics will be addressed, such as forms of government, ingratitude and distrust, affection of the people and government reform. In the end, it will be clear that the film can be used as an illustration in the debate of the themes brought up by Machiavelli.

Keywords: Gladiator. Political philosophy. *Discorsi*. Machiavelli. Forms of government.

¹ INTRODUÇÃO

Na tradução de Sérgio Bath, os Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio, geralmente conhecido como *Discorsi*, é uma obra do filósofo florentino Nicolau Maquiavel (1469-1527), publicado por volta de 1517, a qual analisa o que foi encontrado no trabalho do historiador romano Tito Lívio (59 a.C.-17 d.C.), qual seja, *Ab urbe condita*, mais precisamente os dez primeiros livros, e, por isso, a primeira década. Este trabalho de Maquiavel pode ser visto como uma literatura sobre filosofia política, mas aborda também outros pontos, como psicologia dos governantes e ideias sobre estratégias militares.

Gladiador é um filme lançado em 2000, sendo um drama épico produzido e distribuído pela DreamWorks Pictures e pela Universal Pictures. Foi roteirizado por David Franzoni, John

¹ Doutorando e mestre em Direito pela Universidade Federal do Ceará.

Logan e William Nicholson, e dirigido por Ridley Scott. Em resumo, o filme trata da busca de vingança do protagonista e general Máximo (Russel Crowe) contra o imperador romano Cômodo (Joaquim Phoenix). A personagem de Phoenix tenta matar e assassina a família do protagonista, logo após a morte do monarca anterior, Marco Aurelio.

O presente texto tem como objetivo estudar os temas trazidos no livro primeiro dos *Discorsi* a partir de uma perspectiva mais lúdica, isto é, buscar no filme Gladiador questões relevantes que se comuniqueem com a referida obra de Maquiavel. Portanto, eis a questão principal que se faz neste trabalho: é possível conectar os fatos narrados em Gladiador com o livro primeiro da obra dos Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio? A relevância do trabalho, então, funda-se na forma particular de apresentação desta obra maquiavélica, talvez deixando mais claros alguns conceitos nela trazida.

Para tanto, além se ter assistido ao filme algumas vezes, de forma a absorver os eventos mais relevantes para este trabalho, também foi feita a leitura do referido livro primeiro repetidamente, com o propósito de encontrar o máximo de conexões possíveis. Ainda, utilizou-se de bibliografia de apoio no que tange à própria história de Roma antiga.

Em primeiro lugar, este escrito pretende narrar os pontos mais relevantes do filme e discutir a sua veracidade histórica, somente para que fique clara a ficcionalidade da obra de Ridley Scott. Em seguida, procura-se identificar a forma de governo do império romano e se Cômodo poderia ser considerado um tirano à luz dos *Discorsi*. Em terceiro, questiona-se se houve e se existiram formas de evitar a ingratidão por parte do referido imperador romano em relação ao general Máximo. Em quarto, pergunta-se como o governante pode conquistar a afeição do povo e se Cômodo atuou para tanto. Por fim, tentou-se iluminar o tema do fechamento do senado pretendido pelo imperador romano a partir da leitura de Maquiavel.

Reconhece-se aqui que o trabalho de Maquiavel, baseado na obra de Tito Lívio, o qual viveu antes do período imperial romano, tem como contexto principal a república de Roma. Mesmo assim, em diversos pontos, Maquiavel faz menção ao período imperial ou à tirania, forma de governo que acredita ter sido a dos imperadores. Além disso, alguns comentários delineados por Maquiavel possuem algum tipo de paralelismo com a narrativa trazida no filme. Com isso não se quer dizer que os realizadores do filme se utilizaram da obra do filósofo florentino para construir o roteiro do filme. Mas, se não o fizeram, talvez deveriam.

Este texto tem como uma de suas inspirações os encontros realizados no CINEMP, eventos promovidos pelo Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional (CEAF) vinculada à Escola Superior do Ministério Público do Estado do Ceará (ESMP/CE), através do qual se

assiste e, posteriormente, há análise e debates acerca de filmes selecionados, tudo com uma visão crítica, utilizando-se dessas mídias audiovisuais para a expansão do conhecimento. Desta forma, o presente trabalho se propõe em difundir pensamentos de filosofia política e teoria do Estado através do Gladiador e de Maquiavel.

2 ENREDO DO FILME E SUA HISTORICIDADE

Gladiador (Scott, 2000) conta uma história de busca por vingança e, por fim, de redenção, por parte de Máximo, um ex-general hispano-romano, contra o imperador Cômodo. Os acontecimentos do primeiro ato narrados pelo filme se iniciam no ano de 180 depois de Cristo, no contexto da expansão do antigo Império Romano, sob o comando do césar Marco Aurelio, que morreria naquele mesmo ano. Máximo, o protagonista da história, é um renomado general e comandante de uma legião. É natural de Trujillo na então Hispânia, local em que possui filho e esposa, para os quais anseia retornar.

Máximo, sua legião, e Marco Aurelio estão em Vindobona, atual Viena, onde combatem uma tribo germânica. O protagonista comanda as tropas e se sagra vencedor da batalha, motivo pelo qual sua fama cresce ainda mais, reforçando inclusive a estima que Marco Aurelio tem pelo general. Tal reputação do protagonista é importante para o desenvolver da história, assim como para algumas discussões deste trabalho. Como recompensa pelos seus serviços, Máximo pede ao imperador permissão para voltar a sua casa na Ibéria.

Ocorre que o imperador, prevendo que sua morte está próxima em razão de sua idade e condições de saúde, e por considerar Cômodo, seu filho e antagonista da narrativa, inadequado para governar, pede a Máximo que se torne o protetor de Roma e restaure a antiga república, sendo este o primeiro ponto de virada da história, o catalisador ou *inciting incident*, significando um evento em que um novo problema surge para o protagonista, tirando ele do *status quo*, da sua zona de conforto já estabelecida no começo da história (Trottier, 2014, posição 41.6).

Este primeiro catalisador continua quando Cômodo chega, pouco tempo depois da vitória, no campo de batalha. Ele, ao ser informado, em conversa privada com seu pai, de que não seria imperador, apesar das suas juras de amor a Marco Aurelio, mata-o asfixiado. Este é o primeiro *plot point*, isto é, um grande evento com grande impacto na narrativa, impulsionando-a para um novo caminho e colocando o protagonista dentro do principal conflito da história (Masterclass, 2021, online).

No dia seguinte, Máximo é chamado à presença do imperador. Ao chegar à tenda real, descobre que Marco Aurelio está morto e desconfia que Cômodo, ali presente, teria assassinado

o próprio pai. A lealdade de Máximo é requisitada pelo novo imperador, o qual foi ignorado e, por isso, a mando de deste, os guardas pretorianos tentam matar o general. Ainda, soldados romanos viajam à Hispânia onde assassinam a sua família. Máximo se dirige à Trujillo, onde encontra sua esposa e filhos mortos, momento em que desmaia em razão de um ferimento adquirido na sua fuga. Ele é, então, capturado por um mercador de escravos. Neste ponto, encerra-se o primeiro ato.

Em Zucabar, Máximo é vendido como escravo para um treinador de gladiadores, Próximo. Por ser bastante experiente no combate, o protagonista destaca-se como gladiador, ganhando a simpatia do público, o que faz com que Próximo levasse Máximo, agora conhecido como Espanhol, e os outros escravos para Roma, já que Cômodo reabrirá os jogos de gladiadores no Coliseu para honrar seu pai. Era uma oportunidade para Máximo satisfazer seu desejo de vingança. O imperador também tem planos de fechar o senado, diminuindo os limites do seu poder de governo, por acreditar que os senadores, na verdade, atrapalham o progresso do império.

Nos jogos, Máximo tem logo sua real identidade revelada, levando Cômodo a tramar o assassinato do antigo general. Entretanto, em razão do seu desempenho nos combates e por ajudar seus companheiros gladiadores, Máximo conquistou a afeição do povo, o que impede o imperador de o matar, pois o transformaria num mártir, já que o próprio antagonista perderia o respeito do povo. Para Cômodo, a morte de Máximo deveria acontecer na arena como resultado natural da sua atuação como gladiador.

Em paralelo, Lucila, filha de Marco Aurelio, sendo oprimida pelo imperador, viu na fama do gladiador a oportunidade de destituir Cômodo e, por isso, conspira com senadores um golpe a ser liderado por Máximo e que teria como fim último o retorno da república. Apesar de alguma relutância, o protagonista aceita a proposta, indicando que sua legião, a qual está acampada próximo à Roma, ainda lhe é leal e que invadiria a cidade para executar o plano. Todavia, Cômodo descobre o plano após ameaçar Lucila. Prende Máximo e Graco, o qual representa o senado e participava da conspiração, e assassina outras pessoas que de alguma forma contribuiriam com o movimento, a exemplo de Cícero, membro da legião, e Próximo.

O imperador, como última tentativa de acabar com a ameaça e a fama de Máximo, decide o enfrentar no Coliseu, mas não sem antes apunhalar o gladiador enquanto preso, para que inicie a luta ferido e em desvantagem. Não é suficiente. Cômodo é derrotado e morre na arena. Máximo, vitorioso, pede para que Graco fosse libertado, e também que o sonho de Marco

Aurelio se tornasse realidade, isto, é que Roma fosse entregue ao senado como uma república. Máximo, então, morre no campo de batalha do Coliseu por conta dos seus ferimentos.

O contexto do Império Romano e sua expansão de fato existiu, assim como os imperadores Marco Aurelio e Cômodo, assim como Lucila. Porém, sabe-se que a história contada pelo filme é em sua maioria fictícia, assim como seu protagonista, Máximo. Podem ser referidas algumas licenças dramáticas, isto é, desvios propositais por parte do autor da obra em relação aos acontecimentos da realidade, de forma a melhorar a narrativa, a experiência do seu público e o entretenimento, o que pode acontecer através de condensação dos fatos ou invenção de novos fatos (Davis, 2005, p. 60-61).

Uma delas é que Cômodo, em 180, já possuía *imperium*, o qual é entendido, em resumo, como os poderes políticos de maior grau concedidos, com base em motivos de ordem divina, pelo senado e pelo povo romano aos cônsules ou *princeps*, no sentido de governar internamente os territórios romanos, como também de ter a liderança militar (Frighetto, 2008, p. 151). Tal poder foi conferido pelo seu próprio pai em 27 de novembro de 176. Cômodo passou a ser, então, co-imperador junto a Marco Aurélio a partir de 177 (Birley, 2000, p. 195-198). Não há evidências de que Marco Aurélio gostaria de retornar Roma a uma república. Este desejo contado no filme não é coerente com a própria concessão de *imperium* a Cômodo e por ter “ritornato alla dottrina della successione ereditaria”, nos termos de Michel Grant (2010, p. 145).

Marco Aurelio de fato morreu em 180 durante uma campanha militar. Mas, segundo Anthony Birley (2000, p. 209-210), não há consenso sobre o local e sobre a causa. De acordo com o autor uma das teorias é de que, a partir dos próprios registros do então imperador, ele estava com algum tipo de peste, e, por isso, evitava contato com seu filho. Outra teoria é de que ele foi assassinado pelos seus próprios médicos, os quais buscavam agradar Cômodo. Sobre o local, poderia ter sido em Vindobona, ou próximo a Sirmio, na atual Sérvia.

Um último exemplo sobre a imprecisão histórica diz respeito à morte de Cômodo, o qual faleceu “no último dia do ano 192” (Grimal, 2018, p. 129) em seus aposentos. Tal assassinato foi cometido por Narciso, parceiro de lutas do imperador, enviado em razão de uma conspiração operada principalmente por Marcia, a amante do imperador, e o prefeito dos pretorianos, Quinto Emílio Leto, por medo da crueldade como Cômodo tratava nobres e serviciais (Gibbon, 2018).

Portanto, apesar do filme Gladiador ser baseado em eventos e pessoas que, segundo a história, de fato existiram, em sua grande maioria, a narrativa traz fatos e diálogos dos quais não há evidências de terem existidos, tendo como propósito não a precisão histórica, mas sim a

dramaticidade e, por fim, entreter o público. Apesar disso, a história contada pode servir de base para a reflexão de vários temas, dentre eles, filosofia política.

3 FORMAS DE GOVERNO DE ROMA PARA MAQUIAVEL

Tendo em mente o enredo do filme e tendo a noção de algumas das ficções trazidas nela, pode-se passar para uma análise a respeito dos acontecimentos da narrativa sob o olhar do livro primeiro dos *Discorsi* de Maquiavel. Neste ponto, mesmo que grande parte do filme não tenha acontecido na realidade, serão os eventos da obra cinematográfica que se considerará aqui.

Primeiro de tudo, como é claro, a história se passa no período do Império Romano, também chamado de principado, o qual, segundo José Reinaldo de Lima Lopes (2011, p. 29), iniciou-se com Augusto, herdeiro de Júlio César, em 27 a.C. Porém, o seu fim, conforme Greg Woolf (2012, p. 10-12), é controverso. Primeiro, que no período tardio da antiguidade, havia praticamente dois impérios romanos, o ocidental e o oriental, este também chamado de Bizantino. O primeiro teria sucumbido em 476. O segundo, com a queda de Constantinopla em 1453.

A forma de governo durante este período seria uma espécie de monarquia bastante centralizada, no qual o imperador possuía, a partir de uma primeira concessão do senado, uma *auctoritas* permanente, o que, em última análise, tornou-se a própria *potestas*, isto é, o poder político que anteriormente era de titularidade do povo romano (Cabral, 2012, p. 220-230). Ainda, a exemplo de Augusto, o *princeps* escolhia os nobres que preencheriam as magistraturas (Woolf, 2012, p. 6).

Sobre as formas de governo, Maquiavel, no capítulo segundo do livro primeiro dos seus *Discorsi* (Maquiavel, 1994, p. 24), inicialmente afirma haver três formas de governo, quais sejam, a monarquia, a aristocracia e o governo popular. Todas elas são idealmente boas, e a sua escolha dependeria dos objetivos que se pretende com a entidade política que ele chama de Estado. Entretanto, mais à frente no mesmo capítulo, o filósofo lembra que tais formas de governo não conseguem perdurar no tempo, pois, sendo o governo formado por homens, os quais são naturalmente desconfiados e ambiciosos (Maquiavel, 1994, p. 99), e, portanto, propensos à corrupção.

Maquiavel explica que, na monarquia, os primeiros reis são provavelmente virtuosos, pois buscam o progresso da sua comunidade já que foram colocados no poder para isso. Mas, sendo a sucessão real hereditária, não sendo o governante levado ao cargo pela sua virtuosidade, os próximos príncipes não teriam compromisso com seu povo, mas somente com seus interesses

particulares, o que os levariam a exercitar maior poder sobre os outros, tornando a monarquia, então, numa tirania.

A partir do momento que o príncipe conflita com os interesses dos ricos e nobres, estes buscam a destituição do tirano para implantar um governo deles, que se consideram os mais capazes de governar em conjunto. Surge a ideia da aristocracia. Ocorre que, também a sucessão das magistraturas aristocráticas leva os herdeiros à perda do compromisso com o bem público, já que se prioriza os interesses particulares, degenerando tal forma de governo na oligarquia.

A falta de preocupação com as necessidades do povo torna este cada vez mais arredio, até um momento que o *status quo* não consegue mais se sustentar. Revoltas surgem da massa da população, os quais agora querem também governar, surgindo assim o Estado popular (Maquiavel, 1994, p. 25). Tal governo também não se sustentaria, já que as liberdades seriam exageradas e, por isso, os conflitos dentro do próprio povo existiriam em maior quantidade e proporções, o que faria com que buscassem uma espécie de salvador do caos que traria ordem, voltando então a uma monarquia.

O filósofo afirma que isto é um ciclo em que todos os Estados passam em algum momento da sua história. Portanto, nem os governos idealmente bons seriam de fato bons, pois logo se corromperiam e se tornariam sua contraparte degenerada. O melhor, segundo ele, seria um governo misto, isto é, um Estado governado por rei(s), junto aos aristocratas e o povo. E tal governo misto poderia ser encontrado na república romana, já que seria formada pelos cônsules, com poderes reais, pelo senado, o qual seria composta pela aristocracia, e pelos tribunos do povo (Maquiavel, 1994, p. 26-27). Ainda, Maquiavel parece afirmar, em algumas passagens, que o período do principado seria uma tirania, por exemplo, quando afirma que “o primeiro tirano de Roma teve o título de ditador” (Maquiavel, 1994, p. 113), fazendo referência a Júlio César.

Sobre as formas de governo, Simone Goyard-Fabre (2003, p. 22) apresenta visões de alguns filósofos gregos. Inicia falando de Heródoto (484-425 a.C.), o qual apresenta a democracia, a oligarquia e a monarquia de forma crítica, sublinhando defeitos de cada um desses regimes. A democracia sofreria de excessos passionais, a oligarquia seria sempre instável e a monarquia sofreria com a tirania do rei. Isócrates (436-338 a.C.) enxergava somente dois regimes, a democracia e aristocracia, tendo preferência por esta e desprezando aquela. Xenofonte (430-354 a.C.) acreditava que a democracia era fraca por conta da indisciplina do povo, enquanto a aristocracia e a monarquia seriam regimes mais fortes.

Para Platão (428-348 a.C.), cinco seriam as formas de governo, sendo uma perfeita e outras imperfeitas. A perfeita seria a constituição da cidade utópica de Calípolis, em que os

governantes seriam somente aqueles com aptidão para tal função. Os regimes imperfeitos seriam, em ordem decrescente de valor, a timocracia, isto é, uma aristocracia militar, oligarquia, a democracia e a tirania. Segundo o filósofo, haveria uma sucessão destes regimes, em que o melhor destes vai se degradando até se tornar o pior.

A autora também fala de Aristóteles (384-322 a.C.), para o qual não existiria uma forma pura de governo. Todas as formas de governo, na prática, seriam degeneradas. Por fim, Políbio (203-120 a.C.) descreveria um ciclo inevitável de sucessão das formas de governo, isto é, uma forma de governo se degeneraria e, em razão de uma crise, um outro regime surgiria, o qual, por sua vez, também se desnaturaria, surgindo outra forma de governo, e assim por diante. Portanto, uma aristocracia se tornaria oligarquia, que por sua vez se transformaria numa democracia, a qual degeneraria em demagogia e, após, surgiria a monarquia, que descambaria para a tirania e, por fim, surgiria a aristocracia novamente, num ciclo imparável.

A partir dos eventos narrados no filme, Cômodo pode ser considerado um tirano, e alguns nobres, quais sejam, um general, senadores e uma princesa, estão em busca de retirar o imperador do poder, justamente para devolver o governo ao próprio senado. Nota-se, então, segundo uma visão maquiavélica, que o golpe que pretendem dar no filho de Marco Aurélio é uma tentativa de sair da tirania para se iniciar uma aristocracia, o que, então estaria dentro do ciclo de degeneração e substituição das formas de governo.

8

4 A INGRATIDÃO E A CULPA

O primeiro ato do filme, narrado de forma mais extensa que os outros no tópico dois deste trabalho, traz uma interessante questão que se relaciona com alguns pontos do primeiro livro dos *Discorsi*. A dedicação e êxitos que Máximo teve perante as conquistas e expansão romana, sendo peça chave nas batalhas retratadas em nome do imperador Marco Aurélio, não foram suficientes para evitar que Cômodo tirasse sua vida. O novo imperador foi ingrato com o general? A reputação do protagonista foi também seu maior crime perante os olhos de Cômodo? Tais perguntas podem ser respondidas a partir da leitura dos capítulos vinte e quatro, vinte e oito e seguintes da referida obra de Maquiavel.

Para o filósofo (Maquiavel, 1994, p. 89), os sintomas da ingratidão estatal ocorrem quando não se recompensa um membro da comunidade pelos seus feitos vantajosos ao bem público, ou quando, de forma mais extrema, pune-se tal pessoa por esses mesmos atos, isto é, castiga-se por uma conduta boa para o Estado.

Sobre as causas da ingratidão por parte do governante, ter-se-ia a avareza e a desconfiança (Maquiavel, 1994, p. 99). A primeira é a falta de reconhecimento dos méritos do cidadão por parte do governo, pelo simples motivo de não se querer dispor dos recursos para tanto, isto é, a mesquinharia. Tal forma de ingratidão seria a pior delas. Exemplo seria a falta de recompensa a um general em razão da ganância do príncipe, o qual não quer se desfazer de parte do tesouro estatal ou terras para recompensar.

Sobre o tema, pode-se falar sobre a economia da graça do príncipe. Primeiramente, pode-se dizer que graça era um atributo do monarca de origem divina que permite a ele transformar situações jurídicas e relações sociais de acordo com a sua percepção de justiça. Era, segundo António Manuel Hespanha (2006, p. 105-106), um “poder extraordinário e um “critério último de normação”, significando que o rei tinha a prerrogativa de ter a última palavra no que tange à criação, modificação ou revogação de normas, sejam gerais ou específicas. Assim, além de poder manipular o direito de forma geral e abstrata, também o poderia fazer em situações concretas sem que as normas gerais fossem afetadas. Já a economia da graça (Hespanha, 1993, p. 161 et seq.) seria uma troca de recursos simbólicos e patrimoniais entre súdito e o príncipe, em que aquele servia e este, utilizando sua graça, deveria recompensar pelos serviços. Haveria um ciclo de confiança, fidelidade, serviços e recompensas.

9

Já a desconfiança seria um sentimento inevitável do governante, principalmente dos príncipes. Ele sofreria com a insegurança e inveja, acreditando que as glórias e a reputação do cidadão levariam este a ambicionar cada vez mais poder. Acreditando ter sua posição ameaçada pela cobiça alheia, o príncipe buscaria, ao invés de recompensar, punir de alguma forma aquele com grande fama. Assim, um general que se acoberta de glórias perante uma vitória seria uma ameaça ao governante, pois aquele provavelmente ambicionaria mais poderes, inclusive o último deles, o próprio governo.

Como exemplo, pode-se falar da ingratidão do imperador Vespasiano (69-79) em relação a Marco Antônio Primo, seu general. Após a morte de Nero (54-68), Galba (68-69) e Otão (69-69), Vitélio (69-69) foi declarado imperador pelo senado em 19 de abril de 69 após ganhar uma guerra civil contra Otão. Ocorre que, paralelamente, Vespasiano, enquanto estava na Judeia, também foi proclamado imperador por suas forças. Este enviou Primo para combater Vitélio. O general sagrou-se vitorioso e tornou-se, mesmo que temporariamente, governante de Roma. Muciano, sob a autoridade de Vespasiano, retirou de Primo o comando do exército e “aos poucos, toda a autoridade que tinha ganho em Roma” (Maquiavel, 1994, p. 100).

Maquiavel entende tal fenômeno como natural, já que, como se disse anteriormente, a própria ambição e desconfiança são naturais. Por isso, o filósofo aceita que a ingratidão gerada por este tipo de suspeita é normal e aceitável. Ainda, tanto a ingratidão por avareza como a decorrente da desconfiança são mais vistas quando se trata de um príncipe. No governo popular, seria possível a ingratidão do povo por desconfiança, mas nunca por avareza (Maquiavel, 1994, p. 101).

Em relação à desconfiança do povo em uma república, ela poderia ser positiva caso este mesmo povo tivesse um apreço à liberdade e vivessem momentos de estabilidade em relação a ela. Como o comando dos exércitos são de membros do próprio povo, e que vários seriam os generais em uma constante rotatividade, a desconfiança de um em relação ao outro funcionaria como um controle recíproco, mantendo o *status quo*, isto é, a república e a liberdade.

Ocorre que a desconfiança pode ser negativa em uma república em que não se tem a paixão pela liberdade, em outras palavras, onde não há estabilidade em relação a este interesse, e que há sempre a possibilidade de um cidadão, general ou não, usurpar essa liberdade de todos. A desconfiança do povo seria um catalizador de instabilidade, levando a uma tirania.

Sobre o Cômodo da obra de Ridley Scott, pode-se, a princípio, afirmar que houve uma boa dose de ingratidão em relação a Máximo. Este tinha o propósito de receber como recompensa o seu retorno para sua família na Hispânia, mas Cômodo pediu que o general fosse leal e se juntasse a ele. A certeza de que o novo imperador tinha matado o antigo fez com que Máximo ficasse relutante. Cômodo, então, ignorando os méritos de Máximo e com medo de que a reputação do general atrapalhasse a sua manutenção no poder, determinou que os guardas pretorianos matassem o protagonista e sua família.

A ingratidão do imperador se originou da desconfiança de que Máximo, relutante em ficar do lado do imperador, poderia ter a ambição de contribuir para algum tipo de golpe de estado contra Cômodo. Assim, é possível afirmar que a extraordinária reputação do general foi também a causa da sua ruína.

Maquiavel traz algumas sugestões de como evitar a ingratidão (Maquiavel, 1994, p. 103). A primeira se refere ao próprio príncipe, o qual deve comandar diretamente suas tropas nas batalhas, de modo que a “glória e as conquistas” sejam considerados suas, e não dos seus generais. Isto é, o imperador ou rei não deve ficar em seu palácio, mas estar, de certa maneira, ombro a ombro com seu exército. Desta forma, evitaria a ascensão da fama do capitão e, por isso, este não desejaría a tomada do poder. Portanto, não haveria a causa geradora da desconfiança, a ambição do súdito.

A segunda forma de evitar a ingratidão seria direcionada ao próprio general. Para Maquiavel, este teria duas opções. No que tange à primeira, o general deveria, logo após suas conquistas e vitórias, dirigir-se ao monarca, de forma a atribuir a ele a glória e demonstrar a falta de ambição pelo poder. Para tanto, teria que abandonar seus homens logo após o combate, o que, segundo o filósofo, poucos generais o fariam de bom grado.

A segunda opção para o general seria se vangloriar de suas conquistas e abraçar com vigor a oportunidade de usurpação do poder ou de resistir à ânsia suspeitosa e violenta do príncipe. Em outras palavras, o comandante deveria se aproveitar da sua fama com seus homens e também criar alianças internas e externas, assim como dominar certas fortalezas do Estado, com o propósito de “punir o soberano pela ingratidão que suspeite possa usar contra ele” (Maquiavel, 1994, p. 103).

Observando a obra cinematográfica objeto deste trabalho, Marco Aurelio, mesmo doente e com idade avançada, participa das campanhas militares pessoalmente, isto é, viaja junto com os generais e seus soldados. No início do filme, ainda que não na vanguarda, ele está no campo de batalha, observando tudo. Ainda, o próprio imperador reconhece os méritos do general Máximo, e a glória de um alimenta a do outro de forma recíproca. Máximo, por exemplo, ao obter a vitória em Vindobona, logo busca o imperador para lhe atribuir tal conquista.

11

Quanto a Cômodo, este não participava da campanha militar para o Danúbio, deixando de contribuir com o comando do exército, em uma atitude que, como visto, Maquiavel provavelmente não aprovaria. As vitórias, então, não poderiam ser a ele atribuídas. A narrativa do filme deixa transparecer que o reconhecimento que parte dos soldados tem pelos êxitos de Máximo faz crescer a inveja e a desconfiança de Cômodo. Além disso, o general não se pôs do lado do novo imperador, quando da morte do anterior, fazendo com que a desconfiança de Cômodo atingisse o seu auge.

Ainda sobre tais eventos, suponhamos que Máximo tenha cometido uma espécie de crime de lesa-majestade ao desobedecer às ordens de Cômodo, poderia ser o general ser perdoado de uma eventual culpa em razão das suas grandes contribuições ao império romano? A investigação sobre se houve crime não é o objetivo deste trabalho, mas fazer a suposição acerca de existência do crime se torna interessante para trazer mais ideias sobre a coexistência de culpa e mérito.

Maquiavel narra a história do combate entre os três Horácios do reino de Roma contra três Curiácos de Alba, com o propósito de substituir uma batalha entre os exércitos das duas cidades. Da luta, somente um dos Horácios saiu vivo. Uma de suas irmãs, esposa de um dos

Curiácos, chorava a morte deste. Por isso, o Horácio sobrevivente matou sua própria irmã. Ao ser julgado, ele foi absolvido, mas “devido mais aos pedidos do pai do que aos próprios méritos” (Maquiavel, 1994, p. 85).

Deste relato, o filósofo tira várias lições, sendo uma delas o fato de que os méritos de um cidadão não apagam suas culpas. O perdão derivado do notável valor dos serviços prestados por alguém pode levar, segundo Maquiavel, o Estado à ruína (Maquiavel, 1994, p. 89), já que seria abrir precedentes para que os grandes cidadãos cometesssem grandes delitos. Não se fazendo essa compensação de méritos e culpas, a estabilidade da comunidade se mantém, prestigiando a liberdade. Portanto, utilizando-se do olhar de Maquiavel, se Máximo cometeu algum crime, mesmo suas glórias como general não seriam suficientes para expurgar sua culpa.

5 A CONQUISTA DA AFEIÇÃO DO POVO

No retorno de Cômodo a Roma, como imperador, dentro da narrativa de Gladiador, pode-se perceber que o povo e os senadores são hostis em relação ao antagonista. O novo monarca reabre as arenas em Roma, para que duelos e batalhas entre gladiadores ocorram, objetivando entreter o povo com a finalidade de conquistar sua afeição.

Sobre esse propósito, Maquiavel também traça algumas considerações. Primeiro, quando o príncipe rege sua comunidade com base na crueldade, deve estar sempre preocupado com a estabilidade do seu governo, pois ele está sempre sujeito ao ódio além de angariar vários inimigos, principalmente na aristocracia. A solução, então, é buscar o apoio do povo e saber seus anseios, os quais, para o filósofo, podem ser resumidos em dois: “vingar-se dos que o agrilhoaram” (Maquiavel, 1994, p. 70) e a garantia da liberdade.

Neste último ponto, como regra geral, o povo não busca a liberdade para governar, mas sim para viver em paz. Busca seu próprio progresso sem temor que o soberano possa lhe tirar a vida, a propriedade ou família. Desta forma, o governante que respeita as leis de seu Estado, no sentido de dar segurança ao seu povo, teria a afeição dele e, portanto, dirigiria seu império com estabilidade (Maquiavel, 1994, p. 71).

O personagem Cômodo não buscou a afeição do povo através do respeito às leis romanas. Perseguiu tal intento através do entretenimento. Talvez, por isso, a estima que o imperador passou a ter com a população não durou muito. Com os devidos contatos, desafiando o próprio monarca e poupando seus adversários da morte, adquirindo grande reputação não só entre o povo, mas entre os soldados e outros gladiadores, bastou um gladiador, ex-general, destacar-se

na arena que a estabilidade do governo de Cômodo se viu abalada, principalmente com a ameaça de golpe por parte de Máximo, do senador Graco e da irmã do imperador, Lucila.

6 FECHAMENTO DO SENADO E A REFORMA DO GOVERNO

No decorrer da narrativa de Gladiador, é possível perceber o desprezo de Cômodo em relação ao senado. O imperador vê todos os seus membros como corruptos e que não representam os interesses do povo ou do império. Há dois diálogos em que o antagonista fala em dissolver o senado. Seu plano, com foi dito acima, é conquistar o povo através dos jogos de gladiadores.

No primeiro diálogo, quando o coração de Lucila ainda não está dominado pelo medo, ela fala que não é possível fechar o senado, pois ele sempre existiu. O povo precisa do senado e é importante manter a tradição. Cômodo diz que o povo se ilude ao acreditar no senado. Da observação de Lucila, é possível enxergar um paralelo também com a obra de Maquiavel, o qual trata sobre reforma da constituição, aqui não no sentido pós-revoluções liberais, mas sim no sentido de vida política e de governo do Estado (Goyard-Fabre, 2003, p. 15).

A princípio, o filósofo ensina ideias semelhantes ao da irmã do imperador, afirmando que é necessário preservar certas instituições mesmo quando da referida reforma, com o propósito de demonstrar ao povo que as mudanças não são radicais, que não há que se preocupar com novas circunstâncias (Maquiavel, 1994, p. 91). Um exemplo é o fim da monarquia romana, na qual não se apagou totalmente a figura do rei, mas a sua autoridade foi depositada nos dois cônsules da república. Recomenda que as modificações realizadas mantenham uma aparência semelhante a anterior.

Mas, em alguns casos, Maquiavel concorda que deverá haver uma ampla modificação do que se tinha antes, podendo culminar inclusive numa destruição total das antigas instituições para dar margem à aparição de novas. Necessário atuar desta forma na fundação de um novo poder soberano, seja na implantação da tirania, ou mesmo em novas conquistas territoriais. Neste caso, como o poder do conquistador “não tem raízes muito fortes” (Maquiavel, 1994, p. 93) na comunidade apossada, é preciso plantá-las do zero, fazendo com que se esqueça as antigas tradições daquele povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a explorar temas de filosofia política trazidas nos *Discorsi* de Maquiavel a partir da narrativa trazida do filme Gladiador de Ridley Scott, lançado no ano 2000.

É possível fazer um paralelo em diversas matérias. Primeiramente, foi resumida a história do filme e analisada sua ficcionalidade, concluindo-se que, apesar de se basear em pessoas reais, a obra audiovisual busca entretenimento, trazendo uma narrativa que desvia da realidade, numa licença dramática. Por exemplo, mesmo Marco Aurélio e Cômodo terem existido, o protagonista do filme, Máximo, é um produto da ficção.

Após, falou-se das formas de governo trazidas por Maquiavel, quais sejam, monarquia, aristocracia e governo popular, os quais seriam formas ideais que sempre degenerariam e que, eventualmente, entraria em crise, o que faria surgir outra forma de governo. Por exemplo, na narrativa do filme, Cômodo seria a personificação da degeneração da monarquia numa tirania, e, por isso, a aristocracia buscava tomar o poder.

Também se tratou neste trabalho da ingratidão e desconfiança do príncipe em relação aos seus súditos, e as formas de se evitar a ingratidão. No filme, pode-se perceber a ingratidão por parte de Cômodo em relação aos serviços prestados por Máximo. Mas não só isso, também uma desconfiança, já que o protagonista se recusou a se alinhar de imediato ao imperador. Maquiavel também fala sobre a conquista da afeição do Mantendo o príncipe condições de vida aos seus súditos que os tragam uma certa paz e liberdade, o povo não teria do que reclamar, e assim se afeiçoariam ao governante. No caso do filme de Scott, Cômodo buscou essa afeição através de entretenimento com os gladiadores. Por fim, discutiu-se o fechamento do senado proposto pelo antagonista do filme, o que levaria a uma modificação da estrutura do estado romano. Para Maquiavel tais mudanças deveriam se dar de forma gradativa, de forma que as novas estruturas se assemelhassem às antigas, pretendendo aplacar emoções discordantes das mudanças.

14

Apesar de terem escopos temporais diferentes, isto é, o Gladiador retratando (de forma, em sua maioria, fictícia) um breve período do império romano, e os *Discorsi* tratando principalmente da república romana, pode-se concluir que muitas das ideias trazidas por Maquiavel podem ser ilustradas a partir de eventos narrados na obra cinematográfica. Em uma perspectiva pedagógica, o filme pode ajudar, de forma mais dinâmica, nos estudos da referida obra do filósofo de Florença.

REFERÊNCIAS

BIRLEY, Anthony. **Marcus Aurelius**: a biography. Londres: Routledge, 2000.

CABRAL, Gustavo César Machado. Do ordo à cognitio: mudanças políticas e estruturais na função jurisdicional em Roma. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 49, n. 194, p. 227-239, 2012.

DAVIS, Tracy C. Do you believe in fairies?: the hiss of dramatic licence. **Theatre Journal**, v. 57, n. 1, p. 57-81, mar. 2005.

FRIGHETTO, Renan. Imperium et orbis: conceitos e definições com base nas fontes tardoclassicas ocidentais (séculos IV-VII). In: DORÉ, Andréa; LIMA, Luis Filipe S.; SILVA, Luiz Geraldo (org). **Facetas do Império na História**. São Paulo: Hucitec, 2008. p. 147-162.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. Tradução José Paulo Paes. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

GLADIADOR. Direção: Ridley SCOTT. [S. l.: s. n.], 2000.

GOYARD-FABRE, Simone. **O que é democracia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GRANT, Michael. **Gli imperatori romani: storia e segreti**. Roma: Newton & Compton, 2010.

GRIMAL, Pierre. **O império romano**. Tradução Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 2018.

HESPANHA, António Manuel. Direito comum e direito colonial, **Panóptica**, v. 1, n. 3, p. 95-116, 2006.

HESPANHA, António Manuel. La economía de la gracia. In: **La gracia del derecho: economía de la cultura en la edad moderna**. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1993. p. 151-176.

15

LOPES, José Reinaldo de Lima. **O direito na história: lições introdutórias**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MAQUIAVEL, Nicolau. **Comentários sobre a primeira década de Tito Lívio**. Tradução Sérgio Bath. Brasília: Universidade de Brasília, 1994.

MASTERCLASS. **How to Use Plot Points to Write a Compelling Story**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.masterclass.com/articles/how-to-use-plot-points-to-write-a-compelling-story#plot-points-vs-plot>.

TROTTIER, David. **The screenwriter's bible**. 6. ed. [S. l.]: Silman-James Press, 2014.

WOOLF, Greg. **Rome: an empire's story**. Oxford: Oxford University Press, 2012.